

O DIREITO DE NÃO ESQUECER: ENSAIO CRÍTICO SOBRE O FENÔMENO JURÍDICO COMO GUARDIÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

*THE RIGHT TO
REMEMBER: CRITICAL
ESSAY ON THE LEGAL
PHENOMENON AS A
GUARDIAN OF
COLLECTIVE MEMORY*

Lucas de Alvarenga Gontijo¹

Resumo

Os direitos à memória e à história fazem-se obrigação do Estado e meio intangível de se preservar a integridade e a dignidade humana em sua complexidade temporal, como direitos que exercem efeitos sobre o passado, presente e futuro. Garantir o direito de conhecimento do passado é o meio pelo qual o direito atua no presente e age de forma diligente, garantidos por meio da criação de precedentes princípios jurídicos personalíssimos. Em resu-

mo, os direitos à memória e à história funcionariam como antídotos para que os membros de certa comunidade jurídica não mais tenham que suportar atrocidades, desrespeitos e violações de suas integridades físicas e morais.

Palavras chave: Memória Coletiva. Fenômeno Jurídico. Cultura.

Abstract

The rights to memory and to history make up the State's obligation and intangible means of preserving the integrity and dignity in their temporal complexity, as rights that affect people's past, present and future. Ensuring the right to knowledge of the past is the means by which the law operates in this and acts diligently, guaranteed through the creation of precedents and legal principles. In short, the rights to memory and history act as antidotes to certain members of the legal community no longer have to endure atrocities, disrespect and violations of their physical and moral integrity.

Keywords: Collective Memory. Legal phenomenon. Culture.

1. INTRODUÇÃO

A evolução percebida no campo do direito no final do século XX e início do século XXI tem oxigenado teorias mais sensíveis e sofisticadas sobre a consolidação dos di-

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

reitos humanos e realçado a complexidade subjetiva da vida digna, plena e em processo de expansão de direitos, de modo que se pode compreender o cidadão do século XXI como um ser muito mais complexo, protegido em suas subjetividades psíquica e sentimental. A esta nova ordem dá-se o nome de *direitos de terceira geração*, ou *direitos difusos*. Tais inovações, por sua vez, criam e procuram assentar inusitadas perspectivas sobre a subjetividade humana porque se referem à direitos novos e porquanto ainda tênues, de efeito sutil, daí a idéia de difusos, assim como a luz difusa, refratária, seu alcance e pertinência ainda são raro-efeito, relativos, recém descobertos, em desenvolvimento. Assim se encontram vários direitos recém instaurados, inventados, como os direitos ambientais, direitos das minorias submetidas às violências simbólicas, direitos humanos e dentre estas novas irradiações encontram os direitos à história, à memória e à documentação ou registro histórico.

Pois bem, o presente texto tem por objetivo o estudo

das metodologias de investigação historiográficas, sejam acerca do conceito de memória sejam gravitando no direito à documentação ou registro histórico e, a partir dessa picada, aprendem-se quatro compreensões propedêuticas sobre esse assunto, a fim de tecer proposta conclusiva sobre a importância de uma consciência jurídica crítica que disseque o papel do direito como guardião da experiência acumulada no tempo: valores e sentidos.

A primeira das pré-compreensões é a tese de que a luta por direitos consiste num fenômeno cultural que passa a ser exigido por determinada comunidade jurídica em determinado momento de sua evolução política. O despertar da consciência desses direitos é condição de sua exigência, cumprimento e validade. Logo, direitos como o exercício da cidadania, reconhecimento de minorias étnicas, integridade física e moral de agentes políticos, são processos de amadurecimento político compartilhados pelos membros de certa comunidade que passam do estado de dormência para um estado de

latência e exigência dos direitos. Assim, democracia, cidadania, respeito aos direitos humanos é antes uma questão cívica de conscientização e mobilização de agentes históricos, devidamente comprometidos com as conquistas políticas de seu tempo.

O segundo fator que se relaciona com a proposta é a compreensão do fenômeno jurídico como um aprendizado acumulado por uma sociedade, onde se apreendem os valores e os sentidos argamassados ao longo da experiência histórica. Mas não singelamente apenas uma experiência, mas a consciência política e a atribuição de sentido à experiência, interpretada, erguida como bandeira de determinada causa ou luta social. Portanto, direito é um fenômeno que se dá através da história e amadurecimento de determinado povo, a partir da conscientização de valores que passam, muitas vezes pela experimentação do sofrimento para tornarem-se baluartes a serem defendidos, exigidos em observância e respeito. Essa percepção implica, como se verá na segunda parte destes

escritos, a crítica à exígua e superficial dimensão do formalismo jurídico, nos mesmos esteios traçados por François Ost (OST, 2005).

A terceira compreensão propedêutica dá lugar a uma questão metodológica de investigação histórica é a construção da narrativa, em processo de construção do sentido. Estabelece-se a cada incursão história em busca de entendimento do passado uma narrativa, responsável por determinar os sentidos em que os direitos são apreendidos, percebidos, construídos, com o escopo de determinar de que maneira devem ser consolidados e protegidos. Este sentido se revela como uma trama onde os agentes envolvidos podem ser julgados por suas ações e omissões, de modo que somente a partir de uma visão sistemática, concatenada dos fatos se pode compreender a motivação dos agentes e, portanto, exercer a interpretação dos atos humanos.

Por último, isto é, o quarto prisma metodológico atende à complexidade dos direitos à memória, à história e à documentação ou registro

histórico como direitos humanos e, portanto, direitos irreduzíveis. Nesta perspectiva, os direitos à integridade psíquica e moral dos indivíduos tornam-se cerne de toda gama de direitos complementares que constituirão o direito à identidade, pois a identidade pressupõe o passado histórico da pessoa plena, poder-se-á afirmar a história e o direito à memória preservadas se houver disponibilidade e livre acesso aos documentos e registros que lhes revelam. São, hoje, direito indisponível, fundamental à própria integridade da personalidade. De sorte que os direitos à memória e à história fazem-se obrigação do Estado e meio intangível de se preservar a integridade e a dignidade humana em sua complexidade temporal, como direitos que exercem efeitos sobre o passado, presente e futuro. Garantir o direito de conhecimento do passado é o meio pelo qual o direito atua no presente e age de forma diligente, garantidos por meio da criação de precedentes princípios jurídicos personalísimos. Em resumo, os direitos à memória e à história funcio-

nariam como antídotos para que os membros de certa comunidade jurídica não mais tenham que suportar atrocidades, desrespeitos e violações de suas integridades físicas e morais.

Apresentadas de modo preliminar as quatro pré-compreensões, passa-se agora a explanação de suas micro-estruturas. Eis a pretensão da segunda parte deste texto:

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Doravante, o presente artigo se dispõe a tratar separadamente das quatro propostas elencadas na introdução, de modo a angariar profundidade teórica para que em seguida possa concatenar as quatro pré-concepções com o intuito edificar sustentação crítica para defender a necessidade de julgamento do passado para além das limitações formais do direito positivo e garantir às sociedades contemporâneas os direitos subjetivos da dignidade e inarredável proteção aos direitos humanos.

O papel da memória e do registro histórico nos processos jurídicos de transição é o graal de tal empreitada. Procura-se, então, converter o desastre político dos estados de exceção e todas suas maléficas conseqüências para as comunidades jurídicas que os suportaram em experiência crítica, em aprendizado. Este é o intuito das recém instituídas e já não raras Comissões da Verdade em todos os Estados que passaram por períodos sombrios e que agora vêm à tona reclamar os erros e as barbaridades acometidas por autoridades políticas e jurídicas. Trata-se da insurreição dos discursos sujeitados (FOUCAULT, 1999, pp. 29 e segs.), da reviravolta dos saberes institucionais em prol dos direitos de cidadania e de respeito às garantias constitucionais outrora burladas.

Vem, nas entrelinhas deste escrito um sentimento de “restauração”, pois haveria direitos à democracia que foram usurpados e que agora devem ser recuperados, reafirmados. Haveria regras que foram pisadas e agora vêm à forra para se fazer valer – co-

mo sempre deveria ter sido - e punir os que as burlaram, os que as violaram, como defendo o professor peruano Felix Carrillo. A memória, segundo este autor, permite o reconhecimento e o valor da igualdade, a partir de uma trama simbólica que desvenda a cidadania como uma condição de possibilidade de existência dos demais direitos, ou ainda, como propõe:

[...], a cidadania – uma condição de titularidade efetiva de direitos – aparece como o resultado da implantação de certas regras de jogo no plano normativo institucional. Desde um olhar sociocultural que entenda a democracia como um regime de relações sociais de certa espécie, a cidadania constitui a estrutura molecular de tal regime e não está definida somente pela titularidade de direitos senão também pela vigência de um conjunto de representações, de imagens e de idéias na imaginação pública e, portanto, na vida cotidiana. (CARRILLO, 2009, p. 33).

Democracia é, portanto, um fenômeno cultural, que

implica reconhecimento dos cidadãos como sujeito de direito. Eis a gramática social que delimita o dizível, o sustentável como direitos a serem exigidos. Trata-se, em profunda análise do processo de reivindicação e de reconhecimento das vítimas pelos regimes de exceção silenciadas.

2.1 Memória coletiva como fenômeno cultural:

Os direitos serão exigidos por determinada comunidade se eles fizerem parte de sua consciência coletiva, como fenômeno cultural, furto de certo amadurecimento identitário. Logo, o amadurecimento de determinada comunidade depende se sua auto-percepção como detentora de direitos alcançados pelas lutas por reconhecimento, enfrentamentos políticos experimentados que ergueram direitos, pois tais enfrentamentos tiver um custo, impuseram sofrimento e hoje figuram como um patrimônio coletivo, histórico e responsável pela formação da própria identidade de um povo.

Primeiramente, há que se retornar à teoria sócio-psíquica de Georg Mead, em seu *Mind, Self, & Society* (MEAD, 1992). Mead consolida com clareza o fenômeno da construção da consciência de si, por meio da percepção do outro. Todos os seres humanos, seres históricos e culturais, constroem uma visão que têm de si mesmos, de seus respectivos “me”, e este fenômeno só é possível a partir de uma consciência subjetiva de classe, de pertencimento a um determinado grupo social. Em outras palavras, apreende-se quem é a partir da referência do outro e, ainda, só se pode perceber a si mesmo a partir do outro.

Como explica e fundamenta a psicologia social meadana, o ser humano haure a partir da dialética do seu “eu” com seu “me” e esta composição lhe confere a percepção de si mesmo. Contudo, não existe o “me” isolado, mas tão somente inserido em um contexto político, por espelhamento nos outros “mes”, alheios, correlatos ou dispares. A percepção de si é, portanto, uma percepção do coletivo. Desta

forma, as pessoas se atribuem direitos e deveres a partir de sua consciência coletiva, de classe ou de grupo social. A experiência coletiva, isto é, o aprendizado social é condição da luta por reconhecimento dos seus próprios direitos como cidadão, membros de determinada coletividade. Não obstante, a partir daí também se compreende o que Maurice Halbwachs propõe quando sustenta que toda memória é coletiva (HALBWACHS, 2006). Não há consciência de si, há tão somente consciência de si inserido em determinado padrão social.

A experiência coletiva da história cumulada com o sentimento de pertencimento desenvolvido no âmago psíquico de um indivíduo é o que o faz lutar por seus direitos, exigí-los, fazê-los molas propulsoras de suas lutas políticas. Ora, se assim nos posicionarmos, compreende-se a importância das lutas históricas, a importância de se selecionar o que se deve lembrar, isto é, aquilo que não pode ser esquecido sob pena de ser desperdiçar a experiência, tão penosa às gerações passadas.

A vida social só pode ser compreendida como fenômeno da continuidade entre as gerações ascendentes e descendentes. A linha do tempo, por estabelecer a conexão cultural, é a condição de possibilidade de fazer da experiência histórica a consciência da identidade. Identidade coletiva, social, partilhada e única capaz de inserir o indivíduo na sua dimensão histórica-temporal, como portador de um elo de conexão com o todo, expressado pelas representações que faz da vida e de sua participação nela.

Dentro do reino animal, os mamíferos têm a habilidade do aprendizado, os seres humanos, como mamíferos super dotados de inteligência representativa, estabelecem também o aprendizado por meio da dimensão cognitiva, portanto criam narrativa e daí podem construir os sentidos. Em outras palavras, podem estabelecer consciência crítica sobre a experiência, podem interpretá-la e fazer haurir da interpretação (trama / narrativa) um aprendizado. O descuido com a memória é um descuido com a própria iden-

tidade coletiva, com o próprio entendimento que se faz de si próprio.

A conquista dos direitos em processo espiral não é outra coisa senão o desenvolvimento da perspectiva histórica de uma comunidade. Se temos a sensação de estarmos em processo de melhora das condições de vida é porque acreditamos acumular e interpretar experiências num sentido positivo, otimista quanto à existência. Mas não resta dúvida de que a crença nesta evolução é coletiva é, ao mesmo tempo, entendida como um desenvolvimento individual. Faz sentido porque a evolução social é uma evolução da própria consciência que se tem de si. E isso tudo depende de interpretação crítica da história e da seleção e conservação da memória.

2.2 DIREITO COMO APRENDIZADO COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO.

A memória é seletiva, pois essa é sua condição de possibilidade enquanto função

física, individual. A memória é uma técnica de sobrevivência do mundo animal, dela se apreende o acerto ou o erro de comportamento, implicando não repeti-lo ou repeli-lo para garantir a sobrevivência. Como condição de aprendizado, orienta a sobrevivência, pois seleciona as experiências vitais e despreza as rotinas. Logo, lembrar é, enquanto habilidade cerebral, recurso que permite melhor ou pior desenvolvimento a partir da vida experimental.

Desta forma, a memória coletiva é acumulada ao longo da história social e o fenômeno do direito é uma técnica de apreensão e organização da experiência coletiva. O direito não só organiza a experiência, dando-lhe ênfases às prioridades e sinalizando à comunidade suas conquistas políticas, como também produz imbricada e concatenada discussão sobre o sentido que a experiência deve ser entendida, assimilada, preservada.

O direito é um fenômeno histórico, uma economia de saberes atualizáveis, reformáveis, aprimoráveis conforme a especificidade do contexto em

que é requerido, em que se torna meio para interpretação dos atos humanos.

Logo, o direito seleciona experiências, atualiza-as de modo a construir discursos permanentes sobre valores e sentidos percebidos no passado que sinalizam o futuro, constituindo portanto um fenômeno que une a um só instante passado, presente e futuro. Assim como a linha de continuidade da experiência humana pertence a um só tempo às gerações ancestrais, atuais e futuras de uma comunidade jurídica, o direito abarca a consciência coletiva, por fazer pensar como um só avós, pais e filhos.

2.3 NARRATIVA E SENTIDO: A TEMPORALIZAÇÃO COMO CONDIÇÃO DE APREENSÃO DA EXPERIÊNCIA.

Mas lembrar é mais do que simplesmente saber sobre o passado. Lembrar nos impõe algo mais sofisticado que é, a inexorável necessidade de se estabelecer um sentido para aquilo que é trazido do passa-

do. Não há memória sem processo de narrativa que a organize, a sustente e a torne compreendida pela consciência humana. A condição *sine qua non* da narrativa possibilita que o passado venha ao presente e modifique-o, ou faça com que ele seja lido segundo sua perspectiva, sua influência. Desta forma se lê o presente a partir do passado e, desta forma, se constrói as ênfases, isto é, aquilo que verdadeiramente se apreende como experiência cumulada e permite compreender o passado.

A questão central é a construção de uma trama capaz de julgar o acontecimento, de coordenar as informações de modo a poder dizer quem deveria agir, como deveria agir, quais são as responsabilidades de cada participante, quais são os direitos e deveres.

Para que haja narrativa, é preciso que haja, também, a temporalização do passado. Temporalização é também condição de se pensar o tempo, pois o tempo não limitado, não estancado por conveniências de entendimento não pode ser apreendido. Em outras

palavras, pensamos o tempo como algo demarcado; por exemplo, posso lembrar do tempo em que cresci no interior, em casa dos meus pais, na casa da rua Dona Margarida. Posso lembrar-me do tempo tal em que determinadas circunstâncias existentes me impregnam de sentimentos bons. Não há como pensar o tempo sem dimensioná-lo, digo temporalizá-lo. Que seja o calendário cristão, que seja a divisão do tempo histórico criada pelos historiadores em Alta e Baixa Idade Média, por exemplo. O professor Cláudio Brandão, no seu texto *O Direito no Pensamento Medieval*, publicado neste livro, escreve-nos sobre como se pensava o direito na Alta Idade Média e, depois, por conseguinte, na Baixa Idade Média. Narra-nos que a expressão “Alta” emana do substantivo germano “Alt” que significa “velho”, e que na então Velha Idade Média, por desmantelamento da cultura jurídica romana e alargamento dos poderes dos príncipes, desenvolveu-se o regime de semi-liberdades, denominado *rectius*, quando os senhores feudais exerciam poderes dita-

toriais. Registra o sábio professor algo do passado, temporizado, condicionado a determinada fragmentação da história da humanidade e, portanto, distanciada do presente. Logo, sobre a Alta Idade Média pode-se construir uma narrativa que lhe atribui sentido, e portanto este período pode ser objetivado e julgado.

A temporização permite-nos desprender da vivência contínua e transformar o passado em experiência apreensível, educadora. Logo, como Brandão diz sobre a descontinuidade do direito romano na Alta Idade Média e da dela na Era contemporânea, podemos dizer que não estamos mais, no Brasil, vivenciando o Estado de Exceção (1964-85), quando se desrespeitou, por parte do Estado, calamitosamente os direitos civis e humanos dos cidadãos que insurgiram contra a ditadura, reduzindo-os a massas de carne e osso sob tortura. Ora, aquele passado temporizado, chamado de *anos de chumbo*, assim como o passado dos medievais foi nominado *rectius*, não é o Brasil atual, pós-reaturação da democracia usur-

pada. Então se pode dizer que a dimensão temporizada entre o golpe de Estado de 1964 e a restauração civil democrática de 1985 são nominadamente um Estado de Exceção, não jurídico e que não poderia ter produzido direitos ou deveres à quem quer que seja. A Lei de Anistia (Lei 6.683/79), por exemplo, não pode ser entendida como ato jurídico perfeito ou válido, mas tão somente como insustentável auto-anistia, maculada pela prevaricação do poder ditatorial vigente à época. Se a maioria quase absoluta dos ministros do Superior Tribunal Federal brasileiro não conseguir se ex-temporizar do período ditatorial, ratificando a auto-anistia, é porque não conseguem apreender a experiência do Estado de Exceção, tornando-se parte do mesmo processo que havia suprido os direitos cidadãos brasileiros. Os ministros não apreenderam experiência alguma, não se distanciaram, de modo que se confundem com o próprio poder autoritário o qual não se sentem capazes de julgar. Como advertirá Francóis Ost, o povo que não pode julgar o seu

passado, não o passou, não conseguiu virar a página da história e fundar e restaurar a democracia (OST, 2005).

Pois bem, a memória é processo de seleção, escolha, aprendizado. Seleciona-se o que é importante, o que merece ênfase, descarta-se ou esquece-se o que é inodoro, irrelevante. O direito é fenômeno histórico que apreende valores e determina sentidos. Os valores são o grande ganho da experiência que se acumula no tempo.

2.4 DIREITOS HUMANOS E DIGNIDADE.

O grande salto do século XX foi a institucionalização e efetivação dos direitos humanos, cunha lançada a partir da Carta das Nações Unidas de 1948. Daí para adiante, de forma tímida mas em espiral ascendente, os discursos de efetivação dos direitos humanos passaram a integrar a agenda de responsabilidades dos governos de Estado, dos fóruns de discussão política social de boa parte do mundo,

compondo um relevante espaço da cultura jurídica contemporânea.

Nas décadas subseqüentes, isto é, anos 60, 70 e 80, o mundo consolidou culturalmente inúmeras garantias individuais e coletivas como a proibição irrisoluta dos crimes de lesa-humanidade, tornando-os inafiançáveis, imprescritíveis e não passíveis de indulto ou anistia (Convenção Americana de Direitos Humanos de 1969 – Pacto de San José da Costa Rica). Este é um aprendizado coletivo do mundo globalizado, das gerações que enfrentaram governos que usaram das forças armadas militares para fazerem-se reconhecidos sejam por denunciar a repressão estatal, por lutar pelos direitos à expressão plática, por reconhecimento de minorias étnicas, de gênero, religiosa, opção sexual e de participação nos processos políticos formais. Tais conquistas dadas às lutas por reconhecimento, redefiniram o conceito de cidadania e sobrepuseram-se aos utilitários limites das fronteiras inter-estatais, sobrepuseram-se às prescrições normativas, às auto-

anistias. O século XX deflagrou combate total aos genocídios, à tortura, à segregação racial, à discriminação por gênero, à violência estatal de forças armadas contra a sociedade civil. Contudo, este amadurecimento é penoso, descontínuo e não uniforme. No caso do Brasil, por exemplo, segundo demonstração do Superior Tribunal Federal, não se consolidou, colocando este país na contramão da história, constituindo o único país latino-americano que manteve sua lei de auto-anistia.

3. LEMBRAR É RECONSTRUIR O PASSADO REFLEXIVAMENTE E ARQUITETAR O FUTURO PRUDENTE

O direito é um fenômeno capaz de dispor racionalmente sobre a experiência, isto é, o direito estabelece um juízo crítico, prudente, sobre a memória coletiva e sobre a história. É, pois, o próprio enraizamento de valores, dos sentidos refletidos e reflexivos, concatenação e sistematização

dos ganhos colhidos na experiência histórica.

Muito diferente do passado, a memória opera a partir do presente, pois reconstrói o passado através de um processo de seleção e reflexão. Não obstante, o direito é reflexo tanto da memória histórica, aquela que é objetivamente selecionada, como da memória coletiva, que é elaborada no seio das vivências passadas de uma comunidade. Contudo, o direito reelabora tanto a memória coletiva quanto a histórica, compondo-as e sorvendo delas a decisão prudente que a partir do presente, orienta o futuro. Logo, não se deve reduzir o direito ao formalismo metódico das leis prescritivas, preclusivas. O direito é o próprio tempo e não cortado pelo tempo abstrato.

Ora, o direito tem por meta selecionar a experiência que não pode ser esquecida, pois é presente e deve intervir no por vir, por meio da construção de precedentes, prudentes. Como já havia prelecionado Aristóteles, o espaço do direito não é a *mnème* - o simples registro do passado -, mas o *anamnèsis* - o passado sob o

viés crítico, selecionado, que fará diferença ao futuro - (ARISTÓTELES, 1952, p. 449 b 6).

A vida humana é um processo de continuidade das gerações. Este fenômeno constrói a identidade e faz da vida que individualmente é efêmera em algo duradouro, partilhado. O fenômeno jurídico é por excelência este momento coletivo, aglutinador e então duradouro.

Viver é algo extraordinário - extra ordem - exatamente porque se morre. Como se disse, a vida é efêmera se pensada individualmente, mas não se pensada coletivamente. Os seres humanos, fora de suas cadeias hereditárias são fugazes, aprendidos pelo desespero existencialista, o *ser aí no mundo (dasein)*, a própria angústia (HEIDEGGER, 1998). A existência humana se estabelece como uma rede de contatos entre as gerações ascendentes e descendentes, passando de mão em mão a tocha da cultura, suas experiências, seus aprendizados. O ser humano sem sua ancestralidade é um bruto, perde sua condição humana. Na linha do tempo

apreende-se o significado da existência. A memória é coletiva, pois só tem sentido como aprendizado capaz de orientar as gerações futuras, instruí-las na longa luta pelo reconhecimento dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- ADEODATO, João Maurício. *Ética e retórica: para uma teoria da dogmática jurídica*, São Paulo, aiva, 2002.
- ARISTÓTELES. *De la mémoire et de la réminiscence*, Paris, Les Belles Lettres, 1952.
- CARRILLO, Felix Reátegui. *Memória Histórica: o papel da cultura nas transições*, Revista Anistia Política e Justiça de Transição, N.2, Jul-dez/2009, Brasília, Ministério da Justiça, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.
- ELIAS, Norbert, *Sobre o tempo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*, curso no Collège de France (1975-1976), Tradução Maria Er-
- mantina Galvão, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *O ser e o tempo*, Tradução de Márcia de Sá Cavalcante, 7ª ed, Petrópolis, Vozes, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, tradução de Beatriz Sidou, São Paulo, Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, tradução de Bernardo Leitão, 5ª. ed., Campinas, Editora Unicamp, 2003.
- MEAD, George Herbert. *Mind, Self, and Society: from the standpoint of a social behaviorist*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1992.
- SISHI, Sandra Akemi Shimada; SOARES, Inês Virgínia Prado (coords.). *Memória e Verdade: a justiça de transição no estado democrático brasileiro*, Editora Fórum, Belo Horizonte, 2009.
- OST, François. *O tempo do direito*. Porto Alegre, Instituto Piaget, s/d
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Tradu-

ção de Alan François, Campinas, Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, V. 1, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2012.